

# A Opinião como Fundamento de Análise da Realidade Social e a Semiose como Recurso Epistemológico em Contexto Pedagógico

Norberto Kuhn Junior<sup>1</sup>

## RESUMO

A sala de aula, especialmente por meio de disciplinas voltadas à formação sócio-histórica e filosófica, se transforma em solo fértil para a germinação de todo tipo de conhecimento, inclusive de natureza diversa do que convencionalmente chamamos de científico. Nesse espaço, são muitas as explicações que elaboramos sobre os fenômenos da realidade social, tomando como base nossas percepções e experimentações cotidianas. Tais explicações são comumente expressas pela fórmula “sobre esse assunto eu acho que...” ou “minha opinião é...”. O desafio que se coloca, neste artigo, é pensar a condição do aluno e do professor na instauração do processo de reflexão conceitual sobre a vida social cotidiana (o nosso *entorno social*), sobre a qual operamos centenas de “eu acho que” explicativos. Busca-se inspiração na tipificação dos processos de significação presentes na semiótica de Peirce (Charles Sanders Peirce), aliada à experiência como professor na disciplina de Fundamentos de Realidade Brasileira e Cidadania em diversos cursos do Centro Universitário Feevale.

## PALAVRAS-CHAVE

Conhecimento. Semiótica. Realidade Social. Sala de Aula. Ensino-Aprendizagem. Opinião.

## ABSTRACT

The classroom, specially through subjects which aim the socio-historic formation, philosophical, among others, gets transformed into fertile ground to the germination of all kinds of knowledge, including the ones of diverse nature from what we usually name scientific. In this space, there are many explanations that are elaborated about the social reality phenomena. Using as basis our perceptions and daily experiences, such explanations are commonly expressed through the

formula “concerning this matter I think...” or “in my opinion it is...” . The challenge which we present in this article is to think about the condition of the student and of the teacher in the implementation of the process of conceptual reflection about the daily social life (our social environment), in which we use hundreds of explanatory “I think that...”. We searched for inspiration in the typifying of the meaning processes present in the Peirce’s semiotics (Charles Sanders Peirce), putting together to this theoretical reference, experiences as a teacher in the subject of Fundamentals of the Brazilian Reality and Citizenship in several courses of “Centro Universitário Feevale”.

## KEYWORDS

Knowledge. Semiotics. Social Reality. Classroom. Teaching-Learning. Opinion.

## INTRODUÇÃO

Sobre os fenômenos da realidade social, experimentados cotidianamente, são muitas as explicações que elaboramos; tais explicações são comumente expressas por meio da fórmula “sobre esse assunto eu acho que...” ou “minha opinião é...”. Essa fórmula, ponto de partida para a orientação das nossas condutas cotidianas, e sua operatividade em contexto pedagógico serão nossos objetos de reflexão neste artigo. O desafio é pensar a condição do aluno e do professor na instauração do processo de reflexão conceitual sobre a vida social cotidiana (o nosso *entorno social*), sobre a qual operamos centenas de “eu acho que” explicativos.

Vale-se, para este estudo, da teoria da significação desenvolvida por Charles S. Peirce (1839-1914). A lógica triádica de ação dos signos (*a semiose*) é

<sup>1</sup> Professor de Sociologia na Feevale. Mestre em Sociologia. E-mail: nkjunior@feevale.br.

pautada na compreensão de que toda significação é resultante de operações relativas às suas três propriedades signícas: a icônica, a indicial e a simbólica. Ela será aqui aplicada e experimentada como ferramenta de análise e, desse movimento de experimentação analítica, deverá resultar, em esboço, um modelo que possa vir a ser considerado para sistematizar os debates em sala de aula e orientar a produção de textos dos alunos.

Como referência empírica do estudo, foram tomados os relatos de alunos de diversos cursos do Centro Universitário Feevale, obtidos em trabalhos de sala de aula no contexto da disciplina de Fundamentos de Realidade Brasileira e Cidadania, realizados ao longo dos últimos três anos.

Uma vez que este estudo considera, para análise, os movimentos reflexivos que foram desenvolvidos no ambiente da sala de aula, optou-se por replicar, em sua estrutura de apresentação, a processualidade desses movimentos. Nessa perspectiva, a coerência da análise apresentada não é dada por um encadeamento lógico formal de enunciados<sup>2</sup>, abstraídos da realidade do seu acontecimento. Ela está ligada aos exercícios realizados com os alunos, ou seja, considera o percurso da experiência do pensamento no próprio acontecimento. Esse percurso considera, simultaneamente, os trabalhos dos alunos, em que eles explicam sua realidade social, e a análise que realizo dessas suas explicações. Ao final, chegamos à explicitação da *semiose* como ferramenta de análise aplicada ao trabalho pedagógico.

Vale mencionar que busco, no espaço deste artigo, um proposital afastamento da “terra firme” das citações diretas<sup>3</sup>: os autores com quem trabalho encontram-se referidos na bibliografia; eles compõem um pano de fundo conceitual que é atravessado pelo meu olhar e daí resulta um senso que dá lastro à análise que segue. Destaco, além dos próprios textos de Peirce, os estudos sobre semiótica de Peirce, realizados por Halton e Randsdell, e os estudos de semiótica aplicada de Fernando Andacht.

### **A OPINIÃO E A REALIDADE OBJETIVA: TEMAS SEMPRE RENOVADOS NA SALA DE AULA**

A sala de aula, especialmente por meio de disciplinas voltadas à formação sócio-histórica e

filosófica, entre outras (destinadas, segundo Milton Santos, 1999, à “formação para a vida plena”), se transforma em solo fértil para encontro e germinação de todo tipo de conhecimento, inclusive de natureza diversa do que convencionalmente chamamos de científico<sup>4</sup>. No entanto, esses brotos de saber, como o frágil “eu acho que”, podem se desenvolver, convertendo-se em verdadeiras fontes de novidades, de “achados” tantas vezes inesperados.

Apenas para ilustrar, imagine condição do arqueólogo, que “acha” que, em um determinado monte de terra, coberto por vegetação, podem existir indícios de civilizações remotas e decide escavá-lo. É claro que, nesse seu “achar”, estão implicadas objetividades, aprendidas no seu processo de formação e em suas experiências profissionais, mas há, evidentemente, doses significativas de um “achar” sem fundamento objetivo, puramente especulativo: é opinião, intuição pura. Assim, mesmo que a força dessa dimensão imaginativa seja negada pelo discurso da objetividade científica<sup>5</sup>, ela atua, mesmo que por uma fração de tempo. Temos, então, que sua decisão de agir está motivada tanto por força da sua formação, das suas experiências acumuladas, quanto pelo que ele “achava sobre” o monte de terra. Se, nessa busca, o arqueólogo encontra um fragmento de porcelana (um achado objetivo – uma realidade), mais uma vez estará recolocada a fórmula: “Bom, eu *acho* que o que temos aqui é...”.

Retornamos agora ao espaço de acontecimento de nosso estudo, a sala de aula. Ao iniciar uma reflexão sobre o lugar da disciplina de Fundamentos de Realidade Brasileira e Cidadania no processo de formação universitária, os alunos da disciplina foram estimulados a produzir um texto articulando três temas: a realidade social (o fato), o conhecimento (a reflexividade) e a prática social (a ação). Esses temas foram adotados como parâmetros essenciais para a análise e a compreensão do que estávamos denominando de *vida social*. Os textos obtidos foram narrativas espontâneas do seu cotidiano, réplicas das falas do dia-a-dia. Lemos alguns textos em sala de aula e conversamos pontualmente sobre alguns dos seus conteúdos.

Envolvemo-nos em intensos debates e em alguns impasses políticos: suscitaram diferentes interpretações sobre o entorno social que,

<sup>2</sup> A verificação da coerência lógica e racional na disposição dos enunciados que constituem um entendimento está na base das reflexões epistemológicas racionalista-críticas, cuja principal referência são os trabalhos desenvolvidos, em meados do século XX, por Karl Popper. Destaca-se *Alógica da pesquisa científica*, de 1931.

<sup>3</sup> Lembro-me aqui do artigo de Renato Janine Ribeiro, “Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme”, onde comenta sobre a excessiva dependência da bibliografia nas teses e dissertações. In: *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*. São Paulo: USP, 11(1):189-195, maio de 1999.

<sup>4</sup> Comumente a discussão sobre senso comum e ciência está na agenda de iniciação dos alunos à vida acadêmica (a vida na Universidade). Sobre esse assunto, recomendam-se as reflexões de Boaventura de Sousa Santos (1994), em seu trabalho *Pela mão de Alice*, especialmente o capítulo 8, “Da idéia de Universidade à Universidade de idéias”.

<sup>5</sup> Sobre o tema da objetividade e da imaginação convém destacar as reflexões desenvolvidas por Rubem Alves (1996), em *Filosofia da ciência*, especialmente o capítulo 9, “A imaginação”.

conseqüentemente, nos remeteram para o reconhecimento de diferentes projetos de ação. Contudo, cabe perguntar se efetivamente foi possível chegar ao nível de encaminhamento da melhor ou mais legítima<sup>6</sup> interpretação e explicação dos fenômenos de realidade.

Como ponto de partida, consideraram-se tanto as experiências vivenciais quanto os sentimentos sobre elas. Ou seja, os textos manifestam concretudes vivenciais – expressas em alguns indicadores –, mas trazem, sobretudo, a percepção do que os cerca – uma qualificação dos fenômenos vividos.

Mesclando espontaneamente essas dimensões (indicadores, sentimentos), os alunos elaboraram o seu conceito de realidade social e buscaram situar-se como sujeitos de conhecimento nessa realidade. No entanto, as deficiências em compor um quadro de referências empíricas, para além do vivido e espontaneamente intuído, acabou forçando operações de colagem daquilo que *crêem* serem próprio das coisas às *próprias coisas*, ou seja, a opinião assumiu o lugar da realidade pela sua semelhança perceptiva. Esse predomínio do que *parece ser* a realidade, motivada pela fragilidade indicial, fragilizou, igualmente, o alcance das explicações dos fenômenos de realidade.

Passa-se, neste momento, a retomar esses debates, que se deram de forma espontânea. Procura-se analisá-los e reorganizá-los na perspectiva da semiótica triádica, e assim, ao final, configurar o esboço de uma ferramenta de estudo que possa vir a ser aplicado em futuras atividades docentes.

### OS ELEMENTOS INDICIAIS E O PREDOMÍNIO DA VIA ICÔNICA NA EXPLICAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Quando deparados com a pergunta “o que é a realidade?”, os alunos procuraram dar à sua resposta conteúdos vivenciais. Uma das suas primeiras atitudes foi a de buscar as marcas no seu dia-a-dia, que designam a concretude do seu cotidiano: seus circuitos de afazeres, as coisas que vêem, observam, sentem. Foi assim que muitos alunos construíram seus textos, delimitando o real a partir do que experimentam do mundo onde vivem.

Eles exclamaram que “nem sabem por onde começar” diante da complexidade de fenômenos, pois se vêem atingidos de realidade por todos os lados. Então, diante dessa complexidade de relações nas quais se percebem mergulhados (daí o seu mais forte entendimento de “realidade”, baseado na sua exterioridade, naquilo que os atinge de fora), eles passam a selecionar aspectos e a centrar suas atenções em alguns acontecimentos e não em outros – e isso

depende tanto da capacidade de esses acontecimentos os atingir quanto da sua capacidade intencional/racional de se dar conta deles! Assim, eles vão sendo atingidos por acontecimentos que designam como sendo, para eles, “a realidade”. São as coisas que ocorrem, concretas, que *indicam* a realidade brasileira: crianças pobres que estão nas ruas, que não freqüentam a escola e habitam casas precárias; são as mansões cercadas, as rebeliões nas prisões, os serviços públicos disponíveis em alguns lugares e, em outros, não; são os prédios bem construídos, o asfalto, o saneamento básico, o esgoto a céu aberto, o comércio funcionando, as pessoas indo para o trabalho; são as fábricas falidas, os desempregados e os filhos dos desempregados.

Os alunos fazem esse esforço indicial para identificar, nas suas experiências diárias, traços concretos de um mundo que se apresenta por sua objetividade, trazendo à tona as evidências empíricas. Apesar disso, é possível perceber que sua postura de conhecimento diante dessas situações está predominantemente marcada por componentes interiorizados, subjetivados<sup>7</sup> como verdades em si mesmas, sobre as quais eles raramente lançam dúvidas: nos seus comentários, assumem importância a opinião e a visão que têm sobre os fenômenos que acontecem. Assim, para uma concepção de realidade social em suas falas, mais forte do que as ocorrências dos fatos/fenômenos em si são as suas qualificações: aos fatos, vinculam-se qualidades e sentimentos que bastam como recurso explicativo. Tais qualificações e sentimentos, como recurso explicativo vivido e sentido, retêm a dúvida, tanto sobre as ocorrências concretas quanto sobre as próprias opiniões levantadas sobre elas. Nesse caso, passa a valer, como a própria verdade da realidade das coisas, a visão que se tem sobre elas; a opinião, pela semelhança qualitativa com a realidade, assume o seu lugar; passa a valer o *análogo*: daí a predominância icônica.

O recurso indicial que teve lugar no início das atividades desenvolvidas para designação do que é o real (realidade cotidiana dos alunos) foi submetido, no momento seguinte, às qualidades que se incorporam descritivamente à várias expressões e marcas desse real e que passam a ocupar o seu lugar, mediadas pela compaixão, pelo ódio, pelo desprezo, pela indiferença, pela indignação, pelos desejos de mobilização e de participação.

Os fragmentos selecionados<sup>8</sup> e apresentados a seguir representam e ilustram o formato predominante nos textos produzidos pelos alunos e indicam o predomínio das propriedades icônicas na representação da realidade.

<sup>6</sup> Legitimidade fundada nos cânones da objetividade científica, expressa na noção de verdade semântica, verdade sintática e verdade pragmática. Uma sistematização dessa discussão é feita por José Carlos Köche (1999).

<sup>7</sup> Resultante de processos de socialização primária, conforme argumenta Berger (2002).

<sup>8</sup> Sobre o material selecionado, optei por referenciá-lo de forma genérica, tratando-o como “fragmento de texto de alunos/as”, de modo a preservar a privacidade dos sujeitos na exposição de suas idéias. Os fragmentos igualmente conservam sua originalidade, sem correções gramaticais e ortográficas.

◆ Pensar e refletir sobre realidade social para mim, é semelhante a analisar um daqueles quadros de pintores modernistas, onde, dependendo do nosso olho pode parecer bonito, diferente, estranho, frio, quente, enfim, pode-se ver tudo ou nada! Quantas realidades sociais convivo diariamente... Leciono em uma escola municipal na periferia de Novo Hamburgo, com todas as suas carências e necessidades, com uma clientela bem peculiar, formada basicamente de filhos de ex-empregados das fábricas falidas de calçados de nossa cidade. Lá a realidade é dura e pouco colorida, o dinheiro é escasso, a casa é precária, o lazer é quase inexistente e o futuro como se diz por lá: "A Deus pertence"! Noção de cidadania lá é esperar que alguém dê um emprego, que o prefeito arrume a rua e também uma cesta básica de vez em quando... Política é aquilo que os candidatos fazem antes das eleições, como pagar churrasco e distribuir ranchinhos! Éta homem bom... Já no centro da cidade onde moro a realidade é outra, prédios bem construídos, comércio funcionando, pessoas indo para o trabalho, com perspectivas de um futuro, senão melhor, pelo menos um futuro... Faculdade à noite, outra realidade, pessoas muito interessadas no futuro, fazendo dele seu melhor anseio, planejando, concretizando, mudando o rumo das coisas.

◆ Crianças na rua, sem lar, sem alimento, sem agasalho, sem escola. A saúde em decadência. A falta de segurança nas ruas e até mesmo dentro de nossas próprias casas. Hoje estamos trancados em casa, as mansões cercadas, enquanto que a marginalidade está à solta. Rebeliões nos presídios e por incrível que pareça, até mesmo nas FEBEMs, por reivindicação de melhor tratamento. Políticos corruptos que enquanto fora do poder, prometem tudo, mas quando conseguem chegar lá esquecem o que prometeram. E nós, cidadãos comuns? A quem recorrer?.

◆ Minha residência fica em meio a esse limite: de um lado pessoas com muita dificuldade em sobreviver, não sabendo se terão a próxima refeição, se é que a refeição é próxima, sem o mínimo para condição digna de vida prevista na constituição, dividindo seu pouco com seu próximo; do outro lado, na qual considero privilegiada em estar e ter conquistado este espaço, tem-se saneamento básico, atendimento de médico, ruas asfaltadas, iluminação pública em todas as ruas, segurança, escola próxima. Nessa comunidade a grande maioria das crianças de ambas classes sociais vão se encontrar nas escolas do bairro, nas praças, dividir espaços dos campinhos de futebol, rampar com seus skates em rampas feitas com caixotes construídas em conjunto num esforço coletivo.

◆ Quando conhecemos a realidade, nos

decepcionamos vendo que nada do que seria o ideal acontece na prática. Ainda encontramos muitas crianças sem freqüentar uma escola e outras que vão a uma escola sem qualidade alguma, com poucos recursos financeiros, materiais e humanos.

◆ [...] podemos dizer que a sociedade está doente. Pelos reflexos que esta deixa transparecer, através de reportagens e manchetes nos jornais, tanto escrito como falado.

◆ Em meio à tantos compromissos encontro tempo para dedicar-me e reunir-me com minha categoria sindical e sinto o grupo muito desarticulado, enfraquecido, por enfrentar tantas batalhas e presenciar tantos golpes de políticos corruptos, desvios de verbas públicas, CPIs que não dão em nada em nada, baixos salários [...].

### NAS FRONTEIRAS DE UMA ELABORAÇÃO SIMBÓLICA

Acima, me referi ao predomínio da representação icônica na designação do real, mas isso não significa que, na construção das imagens mentais, não entrem em jogo diferentes articulações signícas. No entanto, o recurso aos ícones, tal como estamos tratando aqui, é *qualidade*, e *qualidade* não é consciência, é sentimento (deixa sua interpretação indeterminada, marcada por uma vaguidade, por uma incerteza); justamente aí está o seu valor, pois, ao se traduzir na experiência como *possibilidade*, como um *pode acontecer*, abre uma importante dimensão na experiência humana (e das instituições), que é a dimensão da novidade explicativa, da representação simbólica.

Ao destacar, analiticamente, marcas de ação de uma dimensão signíca, deve-se sempre ter em mente que essa dada dimensão é, em si mesma, inexistente: no caso, os ícones (ou qualquer outra dimensão signíca) só operam suas funções implicados na totalidade do processo signíco comunicativo e "reservam" para outros signos a determinação de significados. Em outras palavras, os ícones, muito embora estejam associados ao sentimento e à imaginação, não produzem sentido a partir de puras deliberações mentais: só se realizam na articulação com a realidade da existência (índices) e com as convenções sócio-culturais (a representação simbólica das coisas vividas e sentidas, o que se concebe como conhecimento, pensamento ou cultura).

Essas articulações entre distintas atribuições signícas pode percebê-las nos fragmentos de textos construídos pelos alunos e configuram o que denominei aqui de "fronteira da elaboração simbólica": algumas falas, apoiadas em fatos vivenciais, mas de imediato vinculadas ou submetidas a explicações intuitivas (opiniões e imaginações) – em um visível esforço para que sejam explicadas a partir da ações descritivas e que fiquem *parecidas* com a realidade dos fatos –, chegam

às fronteiras de se fazerem interpretação e explicação dos fatos. Elas estão potencialmente capacitadas a transformar-se e constituir-se como novidade explicativa, transcendendo as verdades perceptivas (mesmo que necessariamente operando sobre elas e a partir delas).

Nesse *lugar* fronteiriço, os conhecimentos perceptivos passam a adquirir significado mediante novas operações, de ordem simbólica, ou seja, realizam-se juízos analíticos para além das contingencialidades subjetivas, pois passam a ser mediados pelas arbitrariedades culturais e ideológicas de quem os elabora. O real representado adquire sentidos variáveis, e há um encaminhamento para o reconhecimento (que é social e cultural) da melhor ou mais legítima interpretação e explicação dos fenômenos de realidade". Os índices e depois as sugestões qualitativas (icônicas) implicarão, nessa fronteira, "orientações simbólicas".

Não sei se é o caso de nos questionarmos se de fato temos, nos textos elaborados pelos alunos, interpretações com alcance explicativo "verdadeiro e legítimo" (nos termos apontados anteriormente), dada a já mencionada fragilidade com que os argumentos articulam dados da realidade empírica. No entanto, alguns fragmentos de textos me parecem que, mesmo sendo predominantemente análises analógico-qualitativas do mundo vivido (em que *um olhar* do mundo se confunde com ele), trazem marcas de alguma convencionalidade que avalizam a opinião, legitimando-a como *explicação*, justamente por corresponder às necessidades que nascem do próprio mundo vivido e por, reflexivamente, orientar condutas e comportamentos.

Os fragmentos selecionados e apresentados a seguir representam o formato dominante nos textos produzidos pelos alunos e indicam o que está sendo designado como *fronteira* entre o predomínio das propriedades icônicas na representação da realidade e os traços do desenvolvimento de um juízo analítico, que envolvem uma experiência de pensamento, uma orientação simbólica.

◆Portanto, o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Em nosso mundo onde se fala muito na globalização, as pessoas têm se tornado cada vez mais egocêntricas e incompreensíveis e esta incompreensão abala relações, provoca calúnias, agressões, homicídios [...]. Por isso também devemos tomar cuidado para não julgarmos as pessoas pelos seus atos e infrações, pois se não sabemos, ou talvez até sabemos, mas não queremos admitir, quais são as causas de tantas consequências.

◆Estamos vivendo um momento social histórico de extrema falta de ética humana... Quando digo isso não falo do que vemos nos noticiários de televisão ou do que vemos nos jornais. Falo sim das verdadeiras intenções que estão por detrás

de tudo que acontece. Falo da manipulação dos sentimentos e das idéias. Falo da sedimentação da ideologia da classe dominante sobre o senso comum. Podemos produzir conhecimento sobre as relações sociais, mas para isso temos que estudá-la e compreendê-la. Devemos, em certos momentos voltar ao passado com a intenção de buscar subsídios que venham nos auxiliar a entender o presente e projetar um futuro. A pesquisa social é instrumento básico para todo e qualquer estudo que tenhamos que fazer sobre os fenômenos sociais. As práticas sociais podem nos ajudar a produzir conhecimento principalmente se adotarmos o princípio da ação-reflexão-ação.

◆Se temos o poder de mudar a realidade social, que mudanças poderiam ser feitas? Eu adotaria uma postura crítica a tudo o que nos é colocado como verdade absoluta e proporia um repensar sobre o objetivo dos homens e da humanidade. A minha meta maior seria a felicidade das pessoas. Questionaria, por exemplo, se o acúmulo de riquezas é de fato fundamental à busca desse estado.

◆Um dos espaços sociais é a família. A família é considerada um sistema em que as atitudes de um membro, podem ser positivas ou negativas, afetam diretamente os outros. Ela pode ser constituída de várias formas: pelo o casal e as crianças ou por filhos adultos que já formaram outras famílias, etc... Muitas vezes acontece dos pais não conseguirem cumprir com suas funções e responsabilidades por diversas situações que podem ser econômicas ou sociais. Os pais podem oferecer um tipo ou outro de experiência para seus filhos, isto vai depender se existem estereótipos relacionados com o sexo, a influência dos meios de comunicação, em relação a personalidade, nível educativo, experiência prévia dos pais.

◆No momento atual existe uma busca mais acentuada da população pelas igrejas ou pela religião como uma forma, ou única forma para alguns de solução de problemas, de angústias, medos, de equilíbrio emocional. Acredito que atualmente as pessoas estão mais conscientes das influências que estão sofrendo, estão mais críticas, embora muitas vezes não sabem o que podem fazer ou como fazer para mudar esta realidade porque não temos união, nosso comportamento ainda continua egoísta como a sociedade que espelhamos.

## A SEMIOSE

Baseado nos fundamentos epistemológicos da semiótica triádica, aplicado anteriormente na análise da produção discente, passa-se agora a esboçar uma réplica simplificada desses fundamentos semióticos, ajustando-os a contextos pedagógicos (sala de aula),

especialmente voltados à reflexão conceitual e à produção textual sobre o tema da vida social e que possam vir a ser aplicados em futuras atividades docentes e discentes.

As atividades de reflexão e produção textual, como as que foram desenvolvidas no contexto da disciplina de Fundamentos de Realidade Brasileira e Cidadania, dirigem-se para a dimensão simbólica da ação do signo. Nessa dimensão, os esforços de significação estão orientados na direção de se converter em *leis*, *argumentos* capazes de explicar, interpretar e representar simbolicamente nosso mundo: são as sistematizações, socialmente aceitas, de formas de pensar, sentir e agir no mundo.

Para alcançar essa condição (de um *depois reflexivo*), deve haver uma articulação lógica entre as operações icônicas e indiciais; o *depois*, que é a ação reflexiva, resulta na representação simbólica da realidade: a sua interpretação.

Para acompanhar esse movimento entre distintas condições de realização dos processos de significação, sugere-se articular a leitura do texto ao esquema triádico (a seguir). Para isso, compus uma seqüência numérica, que serve apenas para orientar a leitura, pois entendo que os movimentos signícos, operados na esfera das vivências dos sujeitos, podem ser iniciados por qualquer uma das dimensões do signo.

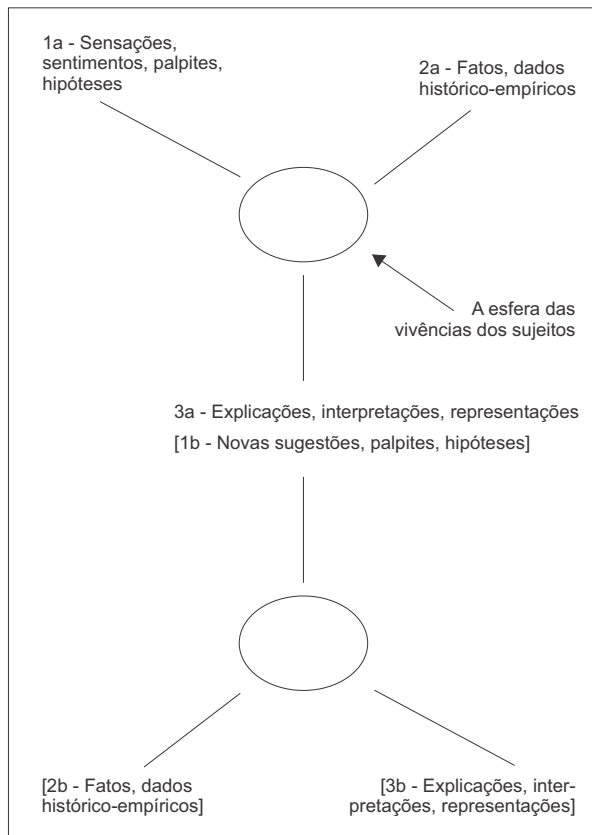


Figura 1: Esquema triádico.

A dimensão “1a” da ação do signo, uma idéia original (uma opinião, um palpite, uma hipótese), levada ao exame da sua correspondência com o que é produzido na experiência concreta (dimensão “2a”, ou seja, aquilo que é *experimentado*), adquire sentido por meio dos argumentos possíveis que a ela se relacionam, legitimados e validados em função da sua correspondência ao que se convencionou (como princípios da não-contradição) social e culturalmente – aqui a dimensão “3a”.

Nesse nível (dimensão “3a”), muito embora expresso em *leis* e *teorias*, não há argumentos absolutos, o que deixa abertas novas possibilidades de explicação (novos signos), que serão novas conjeturas, palpites, opiniões – dimensão “1b” – que, por sua vez, se justificam pelo grau de relação com a experiência “2b”, compondo novos argumentos significativos, que passam a ser aceitos (cultural e ideologicamente) como representação legítima da realidade “3b” – adquire sentido convencional e converte-se, então, em símbolo, e assim infinitamente, no que é o próprio processo de ação dos signos: a semiose.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apontado, os trabalhos desenvolvidos pelos alunos nos revelam textos com predomínio da subjetividade e da opinião, portanto fragilizados em sua condição interpretativa. Porém, são apoiados no reconhecimento de como podemos desencadear processos de geração de sentido a partir do que sentimos, imaginamos e experimentamos concretamente. Conforme o esquema de análise esboçado anteriormente, vemos ampliada a possibilidade de interpretação dos fenômenos sociais para além do percebido e experimentado subjetivamente, ou seja, vemos ampliada a possibilidade de elaboração de argumentos que se sustentam pela sua correspondência com os dados de realidade empírica e que transcendem as arbitrariedades da fórmula “eu acho que”.

Embora a aplicação do modelo triádico tenha sido direcionada a análises de fragmentos pontuais de trabalhos acadêmicos (ligados ao meu cotidiano de docência), creio que representa um passo importante em direção ao reconhecimento das propriedades da semiótica e ao seu alcance como ferramenta pedagógica na orientação de trabalhos dos nossos alunos. Isso nos permite estabelecer uma vigilância epistemológica (BACHERLARD, 1990) sobre nossa produção acadêmica, para além de réplicas intuitivas do real, e compondo (sem descartar a imediatez das percepções expressas na formulação do “eu acho que”) argumentos que deverão dar sustentabilidade a processos criativos de produção de conhecimento.

Ao realizar esse exercício, cremos, igualmente, sustentar a postura política de que a sala de aula também é espaço de produção de conhecimento. A semiose converte-se, nesse caso, em meio para se reconhecer a nossa condição de sujeitos epistêmicos (nós que refletimos sobre os nossos modos de explicar

as nossas próprias práticas sociais). A semiose, tal como experimentamos aqui, opera também uma ontologia: ao disparar processos reflexivos sobre as nossas práticas sociais, pode igualmente ser reveladora da nossa condição de ser no mundo, do nosso lugar político nos diferentes contextos sociais em que vivemos. Ela tem relação, enfim, com as nossas experiências do saber e da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Ars Poética, 1996. 190 p.
- ANDACHT, Fernando. Uma aproximação analítica do formato televisivo do Reality Show." In: **Galáxia**. n. 6, p. 145-164. 2003.
- ANDACHT, Fernando. Epílogo electoral (II): la irresistible vía icónica del carisma. In: **Relaciones**. n.191, p. 22 – 26. 2000.
- ANDACHT, Fernando. La pasión de la insensatez: el orgullo gay. In: **Paisaje de pasiones**: pequeno tratado sobre las pasiones en Mesocracia. Montevideo: Fin de siglo, 1996. p.19-62.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1971. 220 p.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 247 p. (Coleção antropologia; 5).
- DE BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 252 p.
- HALTON Eugene. **Meaning and modernity**: Social theory and the pragmatic attitude. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica - teoria da ciência e prática da pesquisa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 182 p.
- PEIRCE, Charles S. **Como tornar as nossas idéias claras**. Tradução de Antônio Fidalgo. Universidade da Beira Interior. 22 p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-peirce-how-to-make.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 07.
- PEIRCE, Charles S. **A fixação da crença**. Tradução de Anabela Gradim Alves. Universidade da Beira Interior. 15 p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 07.
- POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 567 p.
- RANDSDELL, Joseph. **On Peirce's Conception of the Iconic Sign**. Ver 2.0. Texas: Texas Tech University Lubbock, 1997. Disponível em: <<http://www.cspeirce.com/menu/library/aboutcsp/ransdell/iconic.htm>>. Acesso em: 02 jun. 07.
- RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. In: **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**. São Paulo: USP, 11(1):189-195, maio de 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas**: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 211 p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. 4.ed. Porto: Afrontamentos, 1995. 299 p.
- SANTOS, Milton. Os Deficientes Cívicos. **Folha de São Paulo**, São Paulo: Editoria MAIS! Página: 5-8 Jan 24, 1999 (Seção: BRASIL 500 D.C.).
- STEREN, Tania. Da neutralidade ao compromisso. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre: UFRGS/IFCH/PPGS v. 3, n. 3, p. 33-54, jan. /fev. 1991.